



CAPÍTULO 8

**FECHAR OS OLHOS
PARA VER MELHOR**

BETE ESTEVES

Capítulo 8 - Fechar os olhos para ver melhor

Close your eyes to see better

Bete Esteves

Na noite profunda e escura da alma, são sempre três horas da madrugada.

- F. Scott Fitzgerald

Três da manhã.

A provocação atravessa o labiríntico do edifício.

As guardiãs da torre - em vigília durante incontáveis séculos - protegem e convocam a criação do círculo mágico. Ouvem-se rumores da exigência diária: sonhar, construir um túnel, abrir fresta ou alguma saída por dentro da clausura. Na opacidade aparente da torre, ao redor da espiral do Conhecimento, em torno da qual se desenvolve o encadeamento inelutável da duração, milhões de personagens saídos dos incomensuráveis livros, aproximam-se de Armando Passos e demais convidados.

As luzes se apagam. Todos, no entanto, seguimos o rito: encontrar na escuridão alianças com o sensível, com a valorização da experiência para além de formas lineares de conhecimento.

A intervenção parte de dois textos. O primeiro escrito por Isabel Leite a respeito de dois desenhos sobre tela, doados por Armando Passos à Faculdade de Letras por ocasião do 1º centenário da Universidade do Porto. No texto fabulatório de Isabel, as personagens de Armando enchem o espaço simultaneamente de luz e de mistério. O segundo texto - localizado na parede da mesma Biblioteca -, tem como mote a importância da leitura e do conhecimento, vinculando-o ao sagrado. Um tipo de ascese que remete a ideias presentes no iluminismo, na catequização, no idealismo, na colonização e nas formas sistêmicas do saber como centro do conhecimento.

A escuridão adensa véus de assombro, mistério, dúvida, curiosidade, imaginário, certamente, mas, não sacode, também, o instinto, a intuição, as percepções, os sentidos, as sensações? A intervenção *Fechar os olhos para ver melhor* revira os textos mencionados e apostava numa conversa *no e com o escuro*, e

testemunha a possível claridade que surge daí. Acredita na sombra como aspecto que sublinha o conhecimento do grau invariante da vida. Talvez, arriscar encarnar emoções pouco visitadas, alavancadas pelo eclipse, possa ser também uma forma digna de aquisição de conhecimento.

